



Assinaturas—Barcellos 2 mezes 200 rs.—Fôra de Barcellos 6 mezes 700 rs.—Composto e impresso—Typ. "Centro de Novidades,"—Barcellos

OS BALDIOS

SE ha trinta ou quarenta annos, se tivesse tratado do revestimento florestal, d'esta grande extensão de terrenos incultos, teriamos hoje o capital necessario para transformar Barcellos n'uma villa moderna, que prenderia a attenção dos seus hospedes pelo admiravel conjuncto das suas bellezas naturaes, alliado ao extraordinario augmento de melhoramentos materiaes.

Ainda não é tarde; o que se não fez, é possível fazel-o ainda; não desanimemos; acabe-se com o sorriso ironico que acolhe todas as boas iniciativas, e trate a politica de trabalhar para merecer a confiança dos seus partidarios.

Mostrando nós a alguns politicos em evidencia no concelho, a grande fonte de receita de que elles podiam lançar mão, para a utilisarem nos melhoramentos materiaes da villa, ficamos estupefactos perante as razões que nos apresentaram; querendo-nos parecer que essa grande serpente a que se chama *baldios*, apesar de se lhes afigurar qual *mastodonte*, não passa da mais futil e docil mariposa.

Julgamos que não ha nada que se possa oppôr a uma força de vontade e a um patriotismo inquebrantaveis; quando da sua acção, resulte um beneficio para o concelho.

Bem arrojada foi a execução do imposto da feira, que teve contra si talvez a

maioria do concelho, e ella vingou, não trazendo ao partido que a impoz qualquer influxo, que pudesse abalar as suas bases.

Todo o municipio que augmenta as suas receitas, sem sobrecarregar de mais o contribuinte, com o fim de applicar esses capitães em melhoramentos de reconhecida utilidade publica, é um municipio patriótico, que pode contar com a sympathia de toda a população.

O que facilmente se depreheende, é que qualquer municipio, deve ter toda a vantagem, em por em pratica um plano, que lhe garanta o aproveitamento dos baldios; quer lançando mão do revestimento florestal, quer tratando do aforamento geral; ou qualquer outro meio viavel.

Um estudo rigoroso decidiria, para o caso do aforamento geral, a maneira de compensar as freguezias, que actualmte estão tirando alguma utilidade d'estes terrenos.

Tudo se faria sem suscitar quaesquer mal entendido ou desavenças, desde que á freguezia beneficiada, se desse qualquer compensação.

Poderiam deliberar todos os partidos, cooperar n'essa acção; visto qualquer de elles em separado, não se achar com forças sufficientes, para este empreendimento.

E' necessario tomar qualquer resolução, porque é uma vergonha para o concelho, o conservar completamente volada ao despreso, essa enorme area de baldios, quando elles se podiam transformar, n'uma tão grande fonte de receita.

O Talisman da Fortuna

(TRADUÇÃO)

Avô, avosinho . . . um conto! — gritaram os netos rodeando o velho.

— Um conto de amores e tristezas — insinuou, ruborizando-se, a mais velha das netas.

— Um conto de guerras e aventuras — disse o mais espigado dos netos.

— De tudo haverá se estiverdes calados — replicou o avô; — amores, tristezas, desventuras e felicidades . . . De tudo isso ha nos contos, como na vida . . .

Os netos calaram-se. Chegaram os seus bancos para a cadeira em que o velho estava sentado, uma cadeira de alto espaldar e polido assento, de azinheiro lavrado com desenhos bastante primitivos.

Na ampla cosinha aldeã reinou um silencio profundo, interrompido somente pelo crepitar da lenha que ardia na lareira, sob a larga chaminé. O avô tossiu um pouco e começou a contar.

— Era uma vez um moço, vivo e arriscado, que sahiu de sua casa e da sua aldeia e foi a correr o mundo.

Seus paes queriam que elle ficasse a seu lado porque, segundo elles diziam, o mundo é mau e está cheio de ciladas para os moços que andam por elle em busca de aventuras . . .

— Para que expor-se a males e a desditas, se alli, na sua aldeia, podia passar tão bem a sua vida . . . ?

Ainda não estava o trigo no celleiro, estava a vindima á porta enchendo, primeiro, os lagares do doce mosto e depois as adegas de saboroso vinho. N'aquella casa, herdada de tres gerações de fidalgos, vivia a abundancia, companheira da felicidade.

Passariam os annos, não havia de faltar alguma rica herdeira que accettesse contente o nome illustre, as terras e as vinhas do moço, a troco de mais terras e mais vinhas que ella traria como dote para augmento da riqueza e para brilho do nome da familia. Mais tarde viriam os filhos, que cresceriam luzidos e bem creados, como tudo o que via a luz n'aquella casa . . . Loucura seria deixar tudo isto para ir correr o mundo! Muito e bom era o que deixava e a muito mal se ia expôr se levava a cabo tão desatinado empenho . . .

Assim lhe diziam os paes; mas o moço, firme na sua resolução, seguro de que não poderia convencer-os de que o que elle queria era para seu bem, determinou realizar o seu projecto a occultas, e um dia de abril, antes do romper da auro-ra, sem se despedir de ninguem, em bicos de pés para que o não ouvissem, sahiu da sua casa e da sua aldeia para ir, como já vos disse, a correr o mundo.

O amanhecer d'aquelle dia de abril pareceu-lhe um encanto. Gosou, como nunca havia gosado, o ar morno, cheio de perfumes campestres; o trinar das cotovias que andavam suspensas no ar sobre a sua cabeça, como se trinando, o saudassem, e applaudissem aquella determinação de ir em busca de aventuras por esse mundo de Deus . . .

Andou, andou o moço, e perto do meio-dia, chegou a um verde prado, fronteiro a um regato que corria e saltava entre seixos. Também lhe pareceu que o sussurro da agua era um elcgio para elle e que o regato o applaudia como o applaudiram as cotovias. Sentou-se á sombra de uns alamos, sobre um florido leito de violetas, e adormeceu. Sonhou. Uma d'aquellas violetas que o rodeavam crescia, crescia até converter-se em uma formosa mulher.

Vestia uma tunica de uma tela mil vezes mais fina que a seda, como tecida com petalas de flores, com fios de illusão e com raics de luz; das espaldas saiam-lhe azas como as das mariposas e na dextra tinha uma varasinha de ouro com a qual tocou a fronte do moço dizendo-lhe:

— Queres ser ditoso e eu quero ajudar-te para que o sejas. Sou a fada que favorece aos valentes e aos curajosos.

Com este talisman que agora te dou, não poderás ser nunca desgraçado.

Depois, a fada converteu-se de novo em uma immensa violeta, que foi fazendo-se de cada vez mais pequena . . .

Quando accordou, o moço, buscou o talisman e não o achou; riu-se do seu sonho e poz-se a andar.

Começou a sentir fome. Pelo caminho que seguia viu a distancia uma cabana de pastores. Encaminhou-se para ella, pensando que alli lhe dariam de comer.

Os pastores offereceram-lhe comida a troco de trabalho. Não quiz acceitar; pareceu-lhe humilhante, a elle que tinha na casa da sua aldeia os celleiros cheios de trigo e as cubas a trasbordar de vinho, tantos creados e pastores para o servir, trabalhar para comer, igualando-se aos que até então tinha considerado tão inferiores a si . . .

Esteve tentado a voltar para casa, onde tão facilmente podia ter quanto necessitasse; veio-lhe á mente tudo o que seus paes lhe tinham dito tantas vezes; lembrou-se da vida commoda e regalada que levava na sua aldeia; mas pensou que se voltasse alli, era forçoso confessar a seus paes que elles haviam tido razão; teria de dizer, como elles, que o mundo é mau e está cheio de ciladas e de horrores que opprimem a quantos tenham o atrevimento de sahir da casa herdada e da aldeia em que nasceram, em busca do que haja mais para além.

E com isto não concordava o moço.

(Continua.)

MENTIRA!

Ao Eugenio Azevedo.

*Como as rosas que vemos nos vallados,
A rescender frescura e sinjeleza,
Ella é simples nos modos e agrados
E, assim, realça encantos de belleza.*

*E' claro o seu olhar ; d'uma pureza,
Que os ceus, pelo luar illuminados,
N'essas festas de luz que a natureza
Offerece e que nos deixam deslumbrados,*

*Não lhe excedem a paz e a candura.
Os ternos juramentos que suspira,
As timidas promessas que murmura,*

*Nos enleios d'amôr em que delira,
São lindos arreboes d'uma alma pura.
Mas — quem diria ? ! —*

Tudo isso, é mentira !.

Alvito — Alemejo.
Setembro de 1909.

Arnaldo Braz.

Coisas velhas

VI

Continuo hoje com a historia de « O Jornal do Povo » que, tendo aliás uma vida curta mas muito accidentada, não é ella de molde a caber nas ensanchas de um ou dous d'estes pequenos artigos. Eu disse, ao terminar o meu artigo da ultima quinzena, que — entrou o *caruncho* na empreza —.

Vou explicar-me :

Que eu e P.^e Martins de Faria entramos na redacção de « O Jornal do Povo » sem outro motivo, que não fosse a nossa muita dedicação e amizade ao João Bettencourt, é isso religiosissimamente verdade ; mas outro tanto não se dava com o outro companheiro que levava, latente, uma pretensão pessoal.

P.^e Baptista de Lima queria, que a camara creasse a bibliotheca municipal, e lhe desse a elle o logar de bibliothecario.

Nem eu nem P.^e Martins sabiamos d'isto; Baptista de Lima tratava da sua pretensão particularmente com o João Bettencourt.

Era então presidente da camara dr. Faria Rego e vice-presidente Antonio Ferraz.

« O Jornal do Povo » era, a bem dizer, o orgão da camara.

Faria Rego, que era de uma economia exagerada na gerencia da fazenda municipal, abanou as orelhas ; e, porque a camara não podia com essa despeza, disse que não.

P.^e Baptista de Lima despede-se da redacção do jornal, leva consigo o pae, que era o editor responsavel, e ficamos nós . . . a ver navios !

Entrou, pois, « O Jornal do Povo » na segunda phase da sua existencia ; e pesada foi ella para mim ; porque Baptista de Lima despeitado, como estava, com Faria Rego e com a camara, foi para « O Barcelense » e ali principiou de zurrir a camara e « O Jornal do Povo », tendo eu que aguentar, sosinho, com essa polemica por vezes bem azeda, porque Martins de Faria tratou de habilitar-se — para a vida parochial e sabia de Barcellos !

Procurei então o meu velho e leal amigo, amigade e dedicação que eu havia herdado de meu pae, Manoel José Ramires, de Christello, para substituir o Evangelista de Lima ; e assim continuou a publicar-se « O Jornal do Povo » — publi-

ca-se aos domingos. — Responsavel, M. J. Ramires. Director, A. F. Paes de Villas Boas.

Typographia de « O Jornal do Povo » — Rua Direita n.º 55.

Em breve trecho Francisco José Bento d'Oliveira cança-se com o serviço da administração do jornal, e, a pretexto de que os typographos lhe devassavam a loja, foi-me *intimação*, para que eu arranjasse outro administrador e outra casa para a redacção e impressão do jornal.

Vali-me do meu querido e inolvidavel amigo Manoel Pereira Leite de Carvalho, para ser o administrador do jornal, e para me arranjar, nos baixos do convento, para o lado do Campo dos Touros, hoje jardim, espaço bastante para montar a typographia e para um gabinete da redacção.

Isto conseguido, depois de uma obra ligeira que o bom do Manoel Leite mandou fazer, foi a

redacção do jornal e respectiva typographia installada no — Campo dos Touros.

Como eu tivesse de me auzentar de Barcellos por alguns dias, que passava na aldeia, consegui a cooperação e apreciavel camaradagem do Matheus Augusto, excellente e prendado moço, alma d'eleição, que ali passou em Barcellos como uma estrella cadente, que breve desapareceu, e que se dizia ser irmão uterino do João Betten-court.

Era o Matheus Augusto o meu unico companheiro de trabalho, e que me dirigia o jornal; foi n'esta epocha, junho de 1865, em que a polemica entre « Barcellense » e « Jornal do Povo », se tornou mais intensa, e por vezes, bem azeda, como já disse.

Deixemos por hoje aqui « O Jornal do Povo » para o vermos, no artigo seguinte, na terceira e ultima phase da sua vida.

14—9—09.

A. PAES.

Chronica ligeira

Na quinzena de que me occupo destaca-se, é claro, como nota de principal ruído, a festiva e tradicional romaria das Necessidades, realisada a 7 e 8 do corrente, no local d'esta denominação, um vasto e airoso campo da freguezia de Barqueiros, d'este concelho.

Não era preciso, decerto, referi-la assim, com taes pormenores de topographia e tempo, pois bem conhecida é ella, já de afastadas eras, não só dos povos das redondezas, como d'outros logares distantes, d'onde veem em ranchadas, com o pretexto votivo de satisfazer promessas, dar viva expansão á franca alegria que alli tem d'estilar, até que a missa campal, celebrada na rasgada varanda do elegante mosteiro, apague os ultimos echos da noitada, impondo-se á multidão exhausta, como soccorro divino n'um lance solemne de redempção oppurtuna.

Ai! O que é o terreiro, como vulgarmente chamam ao amplo largo, n'aquella noite de 7 para 8, em que um grande mundo de gente se agita, dança, brinca, come, bebe, canta... n'uma palavra — gosa em allucinações de festa, em vibrações impetuosas de prazer liberto!

Ai! O que é o terreiro n'aquella noite!...

Ao centro, formando a parte mais ruidosa e estridula do vistoso arraial, ar-

ruam-se em delineamento adrede os cafés, com serviço galante de azougadas camareras; os estabelecimentos de melancias, tão pittorescos nos seus caprichosos adornos de verdes e flôres, agora tão infelizmente adulterados com a intromissão, de mau gosto, do papel de côres; e os magnos toldes, sob os quaes, n'um grande afan de activa culinaria, se vae attendendo á gula foltona da enorme freguezia. Alastrando-se em mais ou menos methodicas disposições de feira, os taboleiros dos classicos doces d'estas occasiões, os cestos das requeifas, do pão podre, de precioso fabrico local; os estendões das conhecidas cornetas de barro, as rodas da fortuna e tudo quanto alli concorre n'um frenesi de commercio, mais disposto á pandega do que á siseudez austera do lucro, pelo menos com apparencias que taes impressões deixam, tudo vae convergindo para o sanctuario da Virgem, destacando-se no topo do campo á luz polychroma dos copinhos de illuminação á minhota, circumscripção ao templo e adro, onde duas bandas afamadas disputam triumphos, esgotando o melhor e mais difficil de seus repertorios.

O povo acotovella-se por estes sitios, mas, ainda assim, abrem-se, d'onde a onde, pequenas clareiras para que a choreographia popular, as rondas e descantes ruraes tenham a devida consagração, dando á romaria o seu aspecto typico, tão suggestivo e vibrante.

Um formidavel fragor de coisas festivas e alegres rebôa pelo ambiente, o jubilo estru-

Padre nosso

« Começemos de novo, mas vê lá,
Se agora inda te calas ao rezar,
Repete o que eu disser, anginho, vá,
Que são horas, bem vês, de te deitar».

A oração do Senhor recommençou,
A mãe dizendo, o filho repetindo,
Lição d'amor, de fé, tal qual eu rou,
Tentando descrever em quadro lindo.

« O pão nosso » — « O pão nosso » repetira
A creança postada em oração.
« De cada dia... » A phrase não seria
Dos labios do filhinho. A mãe então :

— « Ainda ! Porque páras ? — Justos Ceos !
E ficas murmurando, meu teimoso ? !
— « Mamã o pão é secco e eu peço a Deus
Manteiga p'ra o tornar mais saboroso. »

(Imit. de Ratisbonne)

ANTONIO A. MARQUES D'AZEVEDO.

ge e palpita o goso nas multiplas formas da sua manifestação mais fremente.

Baccho, como é de presumir, tem obtido intenso culto e d'ahi uma ou outra nota turbulenta, a que a auctoridade rapidamente põe cõbro. Raras vezes ha excessos. O barulho entra tambem como caracterisco das festas d'esta natureza e jámais obstou a que as diversões proseguissem, embora já tenha feito alguns sustos. Mas a ancia do prazer tudo esquece. Cupido tem operado estonteamentos terriveis... E' mister aproveitar o tempo, que o dia chega... E o regosijo continua, a febricitação augmenta, até que o sacerdote sahe ao altar e toda aquella gente prosternada, agora, quasi sem transição, entrega-se tão fervorosa á prece, como se abandonou aos desmandos pagans, como se abandonou aos desmandos pagans, como se abandonou aos desmandos pagans, deixem-me assim dizer, d'aquella noite exaustiva, mas estuante e inolvidavel!

E aqui me fiquei eu a fallar da romaria das Necessidades, como se fõra um enthu-siasta eu, que já d'ella ando desafeito ! Mas foi a nota principal da quinzena e mais digna de registo...

M.



Cartas do Monte

Meus caros amigos :

Parece que as minhas cartas — segundo me escreve um amigo — teem dado causa a critica, o que me prova que são lidas.

Escrevo para satisfazer o pedido dos meus amigos, quando para aqui vim, e n'ellas relato apenas o que por cá vou observando, com toda a singeleza e o melhor que posso, pois os meus recursos litterarios são poucos ou nenhuns. São

despidas de todo aquelle rendilhado e francesismo tão banal e tanto em moda e sem emprego de palavras que inculquem illustração, rebuscadas, quasi sempre no dicionario de synonymics o que sempre demonstra falta de cultura e intelligencia em quem assim escreve.

Per aqui já tudo se prepara para a vindima. Ouve-se martellar nos arcos dos toneis e a vasoura de giesta a raspar contra o sarro, lavando-os e refrescando-os com a limpida agua da mina, para depois de bem escorridos receberem o mosto que n'elles vae fermentar.

A cada passo se ouve tiros e gritos de *ahi vae lebre, e cão!* . . . *busca cadella!* . . . e eu pønho-me a pensar quanto é mau e sanguinario o homem. Armados, usando de todas as manhas, elles ahi vão, em longas caninhadas, matar indifferentemente os pobres e incensivos animaesinhos, apanhando-os de surpresa na sua despreocupada vida de liberdade e amor. Ainda se isto fosse para matar a fome, como nos tempos primitivos . . . mas qual! E' luxo! Orgulham-se em trazer o maior numero de victimas penduradas no seu cinturão e contam ufanos uns aos outros as peripecias de que essas victimas se serviram para escapar á morte!

Se algum caçador lê isto, estou arranjado! Mas . . . que não faça caso e continue a ser assassino . . .

O tio Custodio, de quem já lhe fallei na carta anterior, n'õo pode crer que a terra anda e seja redonda.

Quem anda é o sol que bem se vê; se fosse a terra, havia de haver occasiões em que estivessemos de pernas para o ar. Já uma vez lhe disseram isso e elle para se tirar de duvidas foi perguntar ao *Brazileiro do Fernandes*, se, quando elle foi ao Brazil, o vapor se virou.

--Você está tolo, tio Custodio!

--Sim. Se o Brazil fica tão longe e a terra é redonda, vocemezê pelo menos havia de lhe dar meia volta.

--Olhe, — disse o brasileiro — que o vapor se virasse não dei fé, mas nós, disse-nos o capitão, passamos o *Inquador* que fica a meio da terra.

--E que vem a ser o *Inquador*?

--O *Inquador* dizem que é assim a modõs de uma linha que passa *ao derredor* da terra, tal qual como a linha n'um novello.

--Ora já vê que se assim fosse e a terra fosse redonda, o vapor em que você ia, *engalbarava-se* no tal *Inquador*, virava-se e *prantava* com tudo no mar.

--Lá n'isso tem você razão . . .

E olhe, — disse-me o tio Custodio -- o *Brazileiro* é home lido e tem feito *viages* por esse mundo! . . .

E venham cá os meus amigos dizer-lhe que a terra é redonda.

Abraça os o amigo

ANTONIO.



MONTE DA FRANQUEIRA — ERMIDA DA VIRGEM

OLICHÉ DE H. GONÇALVES

SIMILI-GRAVURA DE M. ABREU

De relance

Vejo este pensamento na fachada do edificio do Recolhimento e Asylo d'Infancia Desvalida do Menino Deus, d'esta villa: — *a Quem dá aos pobres empresta a Deus* 1. — E, na verdade, o Recolhimento do Menino Deus, como a Officina Asylo do mesmo nome — são umas das instituições bem dignas do auxilio publico, pelos serviços que prestam á sociedade, arrancando á vadiagem creanças cujo futuro poderia ser duvidoso, se não recebessem uma educação capaz de lhes indicar um caminho honroso.

A Officina Asylo — todos o sabem — tem prestado relevantes serviços á sociedade, pois tornou validos esses rapazes que por ahi se viam já viciados, maliciosos e que poderiam vir a ser uns entes que a sociedade repelliria.

O Asylo d'Invalidos do Hospital, é outra instituição benemerita, é uma instituição cheia de humanitarismo, por que arranca da miséria velhos invalidos que, se não fosse elle, morreriam, miseraveis de fome, ao canto de uma rua ou de um d'esses solitarios caminhos da aldeia.

O Asylo d'Invalidos é uma instituição que, como as que já aponteí, presta enormes beneficios á sociedade e por isso, é bem digna e merecedo-

ra da consideração e attenção da sociedade forte, d'essa a que chamamos possuidora do capital.

Mas, temos tambem ali uma outra instituição caritativa, verdadeiramente beneficente, essencialmente humanitaria, a todos sympathica, a todos imposta á consideração e reclamadora do auxilio d'esses que aponteí como sendo a sociedade forte;—é o Hospital da Misericordia, uma instituição que vae além da beneficencia; — ella representa, genuinamente, a caridade!

Os beneficios que essa instituição presta, estão mais que provados; esão brilhantemente affirmados por esse concelho fóra, nos grandiosos e bem claros serviços prestados aos pobres assolados pela doença, outras vezes miseraveis pela fome que os faz succumbir á monotonia exasperadora d'um leito, apoquentados pela doença e, quantas vezes, extraordinariamente succumbidos á dôr cruciante de não terem meios para darem o pão aos filhos e para mitigarem a fome que se manifesta no lar conjugal!

Essa santa instituição, a meu ver, reúne em si,

todo o sentimento d'humanitarismo e de caridade!

E é sempre gostoso ver que alguém por ella olha, que alguém d'ella se lembra com donativos.

Ultimamente, tres importantes esmolas recebeu o Hospital da Misericordia: 1:000\$000 de réis do sr. Visconde de Soutello, 200:000 réis do sr. Antonio Lopes Leal e 1:000\$000 de réis do sr. José Gonçalves Dias Neiva.

E registo, com o mais sentido preito d'homenagem a esses cavalheiros que se manifestam tão amigos dos infelizes, o facto de ser o sr. Antonio Lopes Leal, digno membro da mesa administradora da Misericordia, quem tem desenvolvido a sua actividade no sentido de chamar a attenção dos seus amigos para a nossa benemerita Santa Casa.

A elle, que por este modo se afirma um benemerito d'aquella instituição, o meu louvor e a minha homenagem de intranhada admiração, e o desejo de que outros o imitem.

J. S.

PERFIS MASCULINOS

XII

Trabalha — reparem bem —
N'uma *Fabrica* importante.
E é sujeito que tem
Piada muito interessante.

Usa *oculos* p'ra vista,
Pois a não tem muito pura
E escreve cá na *Revista*
P'ra *despertar* a leitura.

E' vogal da commissão
D'um partido que ha *sem rei*,
E tem mui grande affeição
Por certo *bispo* que eu sei.

No paleo é certo o agrano
Que elle mostra — sem encómio
Pois até já foi lembrado
P'ra fazer de St.º Antonio.

Do *club do esporte*
Tambem é da direcção.
Mas que diabo, dou sorte,
Não sei se é d'exportação.

Gostou em tempo passado
De *locas* — mas não de caça —.
Anda um pouco *corcovado*
Mas até tem sua graça.

AMIGO DOS DOIS.



MONTE DA FRANQUEIRA—EGREJA DO ANTIGO CONVENTO

CLICHÉ DE H. GONÇALVES

BIMILI-ORAVURA DE M. ABREU

A todos os nossos prezados collegas da Imprensa que se tem dignado fazer referencia ao «*Barcellos-Revista*», o nosso agradecimento.

Ephemérides

BARCELLOS DIA A DIA

(Segunda quinzena de agosto)

15 de agosto de 1415. — Tomada aos mouros da praça de Ceuta, Africa, primeira conquista dos portuguezes no ultramar. Aqui se distingue o oitavo conde de Barcellos e primeiro duque de Bragança, D. Affonso que, de volta ao reino, trouxe como trophéo da victoria 500 columnas de mormore que mandou arrancar no palacio do governador Salat-ibu-Salat e a meza de jaspe onde comia o mesmo governador. Com as columnas adornou D. Affonso o seu paço de Barcellos e a meza mandou-a collocar na ermida da Franqueira onde ainda se conserva servindo de pedra de ara ao altar-mór.

16 de agosto de 1518. — Faz seu testamento Diogo da Costa, muito honrado escudeiro fidalgo de Barcellos, referindo-se n'elle á instituição do morgado da capella de S. Francisco, feita por seu tio Fernão Annes da Costa, secretario do duque de Bragança D. Fernando I.

19 de agosto de 1572. — El-rei D. Sebastião eleva á cathedra de villa o logar de Espozende, do julgado de Neiva, apartando-o de qualquer sujeição a Barcellos.

20 de agosto de 1694. — Fr. Antonio de Jesus, do convento de S. Domingos de Vianna, reforma as constituições da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, na collegiada de Barcellos, fora instituida por mandado do arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres.

20 de agosto de 1860. — A Antonio Maria do Amaral Ribeiro, sio conferidas as honras de consul de Portugal em Porto Alegre no Brazil.

21 de agosto de 1868. — O titulo de barão de Barcellinhos é elevado a visconde por carta regia d'esta data.

21 de agosto de 1892. — Fallece, no Porto, o visconde de Santo Antonio de Vessadas.

22 de agosto de 1649. — Lança-se a primeira pedra para a fundação do convento dos Capuchos da villa de Barcellos, havendo procissão solemne, com danças ordenadas pelos moradores.

22 de agosto de 1694. — Lança-se a primeira pedra para a fundação do convento de Nossa Senhora da Conceição da villa de Barcellos, que hoje está servindo de hospital da Misericórdia.

22 de agosto de 1750. — Decreto ordenando que do erário regio de dê annualmente um conto de réis a D. João da Silva Ferreira, bispo titular de Tanger, natural da freguezia do Louro, então do termo de Barcellos e hoje do concelho e comarca de Villa Nova de Famalicão.

24 de agosto de 1820. — Movimento revolucionario no Porto, levantado no campo de Santo Ovidio, que depois foi proclamado na America pelo nosso patricio Visconde de Leiria.

24 de agosto de 1867. — Assenta praça em arti-

lheria, o segundo visconde de Barcellinhos Alvaro Correia da Silva Araujo.

27 de agosto de 1629. — Nasce o dr. Antonio de Villas-boas e Sampaio, author do *Nobiliarquia Portugueza*.

27 de agosto de 1844. — Casa, com D. Rita de Oliveira, filha de seu irmão Francisco José de Oliveira e D. Miquelina Pereira Soares, o primeiro barão de Barcellinhos, natural da freguezia de Abade do Neiva, onde era conhecido pelo *Cambões*.

29 de agosto de 1769. — Fallece Arnaldo de Souza Dantas da Gama, author da notavel romance, em 2 tomos. *O Sargento-mór de Villar* (Episodios da invasão franceza de 1809).

30 de agosto de 1749. — Por alvará d'esta data ordena-se que dos rendimentos da Casa de Bragança no almoxarifado de Barcellos se tirem, em cada um anno, 40:000 rs. para dar de esmola aos religiosos do convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira pertencente ao padroado da mesma serenissima Casa.

31 de agosto de 1649. — A camara de Barcellos faz convite aos lavradores dentro de uma legua em circuíto da villa para, com bois e carros, trazerem a pedra necessaria para construir o convento de Nossa Senhora da Conceição fundado no dia 22 deste mez.

(Primeira quinzena de setembro)

1 de setembro de 1861. — Concorre a Famalicão muito povo do nosso concelho para ver os festejos que se realisam á passagem de el-rei D. Pedro V e seu irmão D. João, duque de Beja, que regressavam ao Porto.

2 de setembro de 1839. — O reverendo Domingos Joaquim Pereira, é collocado parochou em Santa Lucrecia do Louro, concelho de Villa Nova de Famalicão.

3 de setembro de 1809. — Nasce Antonio Maria do Amaral Ribeiro, author da *Noticia descriptiva da muito nobre e antiga villa de Barcellos*.

4 de setembro de 1710. — Lança-se a primeira pedra para a fundação das capellas dos santos Passos do Redemptor, que estão na subida para o convento do Bom Jesus do monte da Franqueira.

4 de setembro de 1728. — Fallece em Biaga, D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo primaz, fundador do mosteiro de S. Bento de Barcellos (hoje egreja do Terço)

5 de setembro de 1740. — O reverendo Francisco Alves da Serra, natural de Gilmonde, cria, por escriptura d'esta data lavrada na nota do tabelião André Ayres Lobo, o côro da capella de S. José, com 7 beneficiados.

5 de setembro de 1833. — O Visconde de Leiria, nosso illustre patricio, resiste corajosamente aos ataques dos miguelistas em S. Sebastião da Pedreira (Lisboa).

Nota: — Por nos faltar o espaço, concluímos para o proximo n.º as notas referentes á primeira quinzena de setembro.